

Parte da entrevista de Rancière e Vermeren em que tratam da relação entre o Mestre Ignorante e o pensamento de Freire.

E: – De que forma seria possível relacionar (essa é uma das interrogações do trabalho de Lidia Mercedes Rodriguez, na Argentina) Paulo Freire a Joseph Jacotot?

JR: – Quando eu penso em Paulo Freire, a primeira coisa que me ocorre é sua distância em relação à divisa comtista na bandeira brasileira, “ordem e progresso”: é como uma transposição da relação de Jacotot para com os educadores progressistas – oposição entre uma concepção da educação destinada a ordenar a sociedade e um pensamento da **emancipação** que vem interromper essa harmonia suposta entre a ordem progressiva do saber e a ordem de uma sociedade racional progressiva. Há, então, uma espécie de atualidade de Jacotot no Brasil, no sentido de que o Brasil é o único país a ter feito da ideologia pedagógica do século XIX a própria palavra de ordem de sua unidade nacional.

A segunda referência diz respeito à relação entre a **emancipação intelectual** e a **emancipação social**. O pensamento de Jacotot não é um pensamento de “**conscientização**”, que busca organizar os pobres em coletividade. O pensamento de Jacotot se dirige a indivíduos. Ele o fez em um tempo após a Revolução Francesa, em que a questão era saber como “acabá-la” – ou como acabar com ela. Havia aqueles que queriam “extrair” da Revolução Francesa a ideia de que era preciso uma nova ordem social, racional, o que fortaleceria essa ordem social; tratava-se, no fim das contas, de racionalizar a desigualdade, buscando, eventualmente, no fundo da **igualdade revolucionária** os instrumentos de racionalização da desigualdade: é toda a teoria de uma sociedade “progressista” fundada sobre a educação. Jacotot opôs a esse projeto uma espécie de resposta “anarquista”, que consistia em dizer que a **igualdade** não se institucionaliza, que ela é uma decisão puramente individual e uma relação individual. Isso, sem dúvida, separa Jacotot das perspectivas de **emancipação social** que estão implicadas em métodos como o de P. Freire.

Isso posto, se a **emancipação intelectual** não tem visada social, a **emancipação social** sempre funcionou, quanto a ela, a partir da **emancipação intelectual**. Foi o que tentei demonstrar na *Noite dos proletários*: que um movimento de **emancipação social** é bem o produto de movimentos que visam, antes de qualquer outra coisa, a **emancipação intelectual e individual**. Há, pois, uma distância entre as intenções da **emancipação**

intelectual jacotista e movimentos como o de Paulo Freire. Mas há algo em comum, no processo de emancipação intelectual, como vetor de movimentos de emancipação política que rompem com uma lógica social, uma lógica de instituição.

Em terceiro lugar, na medida em que a educação de Paulo Freire supõe algo como um método, como um conjunto de meios para instruir os pobres como pobres, há uma grande distância com o “método” Jacotot, que não é um método, que é como a reprodução de uma relação ou dispositivo fundamental, mas que recusa qualquer institucionalização de um “método”, qualquer ideia de um sistema que seja específico à educação do povo.

E: – Qual é a atualidade de *O mestre ignorante*?

JR: – Há, em minha opinião, uma dupla atualidade em *O mestre ignorante*. A primeira está ligada ao funcionamento das escolas em nossas sociedades. Não estou me referindo às formas específicas de reforma da escola, em um sentido liberal etc. Penso, antes, no fato de que, cada vez mais, a desigualdade tem por legitimação fundamental as legitimações escolares. Todas as legitimações naturais da desigualdade estão mais ou menos contestadas e ultrapassadas. Vivemos em sociedades que são, supostamente, igualitárias. Assim, funciona-se com a suposição da igualdade social; quando isso ocorre, a única desigualdade que, de alguma maneira, pode valer como explicação é precisamente a desigualdade intelectual, a ideia de que uns indivíduos são menos bons que os outros.

Com isso, há toda uma visão contemporânea da desigualdade, em termos da simples oposição entre os “melhores da turma” e os “atrasados”. Cada vez mais, explicam-se os funcionamentos sociais e estatais desigualitários em termos homólogos aos da instituição escolar: os governos se apresentam como governos daqueles que são capazes, que podem ver mais longe, ter uma visão dos interesses gerais; o governo mundial dos poderosos se apresenta como o governo daqueles que sabem, que compreendem, dos que preveem, sobre os que são incapazes de viver de outra forma, senão a cada dia, em sua rotina “arcaica”, ou de acordo com seus interesses “limitados”. Em toda parte, a todo momento, encena-se o mesmo enredo imaginário: governantes esclarecidos que, “infelizmente”, devem enfrentar massas ignorantes, gente que não consegue responder ao “desafio da modernidade” ou que se fecham em seus privilégios “arcaicos”. Na França, a cada vez que há um movimento social, ou votos de extrema

direita, explica-se que isso acontece porque “essas pessoas não conseguem se adaptar”. Tem-se, portanto, uma visão segundo a qual todos os movimentos sociais podem ser explicados em termos de sua capacidade, ou não, de passar, como na escola, de ano, de juntar-se à turma mais avançada. A escola funciona, mais fortemente do que nunca, como analogia, como “explicação” da sociedade, isto é, como prova de que o exercício do poder é o exercício natural e único da desigualdade das inteligências. Em relação a isso, as querelas entre uma visão sociológica da escola e uma visão republicana já estão inteiramente superadas. Eis a primeira dimensão da atualidade, que não é outra senão a atualidade da própria igualdade, em um momento em que a desigualdade se instala como desigualdade “apenas” intelectual. Para mim, o que é significativo é menos os usos particulares que se gostaria de conceder à escola – formar pessoas mais ativas, práticas etc. – do que essa função de simbolização global da ordem do mundo.

A segunda dimensão da atualidade reside em certo número de movimentos de **emancipação** que tentam, em escala global, reagir, reafirmar o poder dos que supostamente nada sabem. É claro que há aí algo de muito forte, que está acontecendo na América Latina em relação aos movimentos de educação popular, aos movimentos pela posse das terras por parte das populações dominadas – do que Porto Alegre tornou-se um símbolo, um lugar onde se realiza de forma mais exemplar do que em qualquer outro essa luta entre as lógicas dos “melhores da turma” e as lógicas da **emancipação**. Mas *O mestre ignorante* não é atual, no sentido em que traria meios de formação de movimentos de protesto, de movimentos afirmativos, de **emancipação** na América Latina. Sua atualidade é lembrar que a hora é sempre essa, que a hora da **emancipação** é agora, que sempre há a possibilidade de afirmar uma razão que não é a razão dominante, uma lógica de pensamento que não é a lógica da desigualdade. Por isso, não acredito que Jacotot vá oferecer aos movimentos sociais brasileiros, ou aos movimentos de educação na América Latina, as chaves do sucesso, mas vai lembrar que sempre se tem razão em querer se emancipar.

É claro que o pensamento da **emancipação intelectual** não pode ser a lei de funcionamento de uma instituição, oficial ou paralela. Ele jamais é um método institucional. É uma filosofia, uma **axiomática da igualdade**, que não ensina formas de bem conduzir a instituição, mas a separar as razões. Ser um emancipador é sempre possível, mas desde que não se confunda a função de emancipador com a função de professor. Um professor é alguém que desempenha uma função social. Ele pode, é claro, comunicar a emancipação, a capacidade, a opinião de igualdade, a prática da

igualdade entre seus alunos; mas não há identificação possível entre essa transmissão, essa transferência de opinião, da capacidade igualitária, e a lógica da instituição. Não há instituição boa, sempre há conflito de razões. Uma das coisas importantes que Jacotot diz é que é preciso separar as razões, que um emancipador não é um professor, que um emancipador não é um cidadão. Pode-se ser, ao mesmo tempo, professor, cidadão e emancipador, mas não se pode sê-lo em uma lógica única.